

EXTENSÕES

Reinaldo Reis

A grama nos chama,
mas faz-se lama,
e nos espinhos fazemos o ninho,
onde estendemos nossos tísicos corpos,
que carecem tratamento,
pois as feridas continuam abertas.
Mas moramos num deserto,
onde ferve a água
que ao pousar sobre as feridas...
... ainda mais se abrem.
mas não agüentamos pois elas nos coçam...
... e doem.
Precisamos sobre elas colocar alguma coisa.
Nem que seja estrume de abutres,
mas eles se foram, estamos sós.
Então colocamos a água ...
... já parca.
Pois a fonte está secando.
Mas elas se abrem mais e mais.
Então seguramos com mão trêmula...
... o último cigarro que tínhamos.
Este, pedimos a um viajante...
... que passava por ali.

Assustou-o nosso estado físico! . . .
jogou o que lhe havíamos pedido,
e se foi.
Então percebemos que não tínhamos fósforos
para acendê-lo.
E o calor que feria as costas . . .
não tinha condições de fazê-lo.
Foi então que nos deixamos . . .
. . . esperando a morte.
Momento em que acordamos . . .
. . . e nos vimos cidadãos . . .
deste grande mundo vaidoso.
Nossas feridas,
era nossa impotência contra os erros.
A água fervente,
nossa consciência .
Nosso ninho, um palacete,
O deserto.
O viajante,
nosso último amigo.